

Biblioteca Anarquista



# Uma Breve Introdução: Anarquia Pós-Esquerda

boles

boles

Uma Breve Introdução: Anarquia Pós-Esquerda

21 de Abril de 2024

<https://www.freespiritanarchist.com/post/a-brief-introduction-post-lef>

Título original: A Brief Introduction: Post-Left Anarchy. Tradução:

Contraciv.

[bibliotecaanarquista.org](http://bibliotecaanarquista.org)

21 de Abril de 2024

Em 1997, Jason McQuinn publicou "Anarchy After Leftism" de Bob Black. A capa declarava audaciosamente: Um Adeus ao Anarquismo Que Foi! AAL foi a réplica de Bob ao "Social Anarchism or Lifestyle Anarchism: An Unbridgeable Chasm" de Murray Bookchin, de 1995, um ataque difamatório contra todos os tipos de anarquistas que — segundo ele — estavam arruinando seu movimento; esquisitos e perdedores impedindo que anarquistas naturais ingressassem no chamado movimento. Outras respostas às bobagens de Murray logo se seguiram, em sua maioria negativas<sup>1</sup>, o que, por sua vez, levou a um cerco de defesa intelectual (?) entre ecologistas sociais e anarco-esquerdistas, que se apressaram em defender as afirmações de Murray. Apesar de Bookchin finalmente declarar que o anarquismo não era mais o que ele professava (privadamente no mesmo ano em que SALA foi publicado, publicamente quatro anos depois), sua bizarra criação, o temido Lifestylist, mantém uma vida peculiar por meio de citações contínuas por esquerdistas de todos os tipos — uma espécie de refutação atualizada do anarquismo tout court, semelhante à maneira como os marxistas usam o ensaio idiota "Sobre a Autoridade" de Engels.

Não satisfeito com seus louros, Jason enviou uma carta solicitando ensaios de outros escritores em torno da "Anarchy: A Journal of Desire Armed" (também conhecido como Anarchy Magazine, ou Ajoda), e em 1999, uma edição temática foi publicada com meia dúzia de textos delineando o que agora é conhecido como Anarquismo Pós-Esquerda.

Desde então, o discurso se ampliou substancialmente. Infelizmente, não parece ter se aprofundado muito. Alguns críticos<sup>2</sup> querem saber por que o discurso não progrediu para um anarquismo explicitamente anti-esquerda, tornando mais clara a ruptura com todos os tipos de problemas supostamente extrínsecos; outros, claramente desconfortáveis com a ideia de rejeitar o esquerdismo, abraçam as dicotomias binárias da Frente Popular e emitem advertências severas sobre a intrusão de, ou atração por, ideias fascistas na anarquia pós-esquerda<sup>3</sup>. E, embora seja verdade que

---

<sup>1</sup> Entre os primeiros estavam "Beyond Bookchin," (1998) de David Watson do Fifth Estate, a antologia "Social Ecology after Bookchin," (1999), e — uma entrada muito tardia — o panfleto "Being a Bookchinite," (2007) de Chuck Morse.

<sup>2</sup> Notavelmente, John Zerzan. Embora inicialmente simpático ao discurso, ele ficou desencantado por várias razões, entre elas a irritação de que o PLA não seguiu o mesmo caminho anarco-primitivista que ele pioneiro. Ele perdeu o memorando onde os autores do PLA expressaram ceticismo em relação a todas as ideologias prescritivas...

<sup>3</sup> O mais alarmista sendo "Against the Fascist Creep," (2017) de Alexander Reid Ross, cuja própria trajetória desde o Earth First! até acadêmico, às vezes colaborador de um

existem várias personalidades na internet que defendem uma estranha mistura de noções socialmente conservadoras (aparentemente não há racismo ou sexismo estrutural) com uma autoidentificação PLA, nenhuma delas é capaz de articular o porquê, preferindo repetir pontos de discussão da direita<sup>4</sup>. Há também uma série de "edge lords" stirnerianos que utilizam termos como "spook" e "ego" sem compreendê-los; felizmente, quase todos esses idiotas são incapazes de fazer muito mais do que compartilhar memes<sup>5</sup>.

Independentemente disso, as ideias centrais do PLA permanecem relevantes, especialmente nestes dias pós-Occupy, quando a contestação social parece ter revertido para formas mais familiares aos historiadores do início do século 20, como a organização sindical e uma greve ocasional (a maioria do ativismo anti-guerra está impregnado da lógica [tal como é] da monstruosidade pró-estado histórica que é o Anti-Imperialismo, com sua ignorância adjacente do anti-militarismo)<sup>6</sup>.

E quais são essas ideias centrais? Ceticismo em relação à organização pela organização, com ou sem rejeição da organização formal. Recusa do burocratismo incipiente do conformismo e da centralização, promovendo o pensamento crítico. Ceticismo em relação à revolução (por mais variadamente entendida, mas geralmente como um evento discreto e principalmente como uma metáfora para outra coisa), especialmente como o repositório teleológico de melhoria ou solução. Internacionalismo principista. Recentralização do indivíduo – não necessariamente em oposição

---

think tank anti-esquerda, até jornalista antiético cujos artigos para o Southern Poverty Law Center foram removidos de seu site após reclamações de ativistas de esquerda e autores alvo sobre suas alegações não fundamentadas de simpatias fascistas.

<sup>4</sup> Talvez o mais notório seja a personalidade por trás do nome de tela "SirEinzig," que pode ser encontrado comentando no anarchistnews.org e Reddit. Ele é supostamente um canadense mestiço cuja compreensão básica de ortografia e gramática é tão rudimentar quanto suas noções sobre o que é – e, mais importante, o que não é – política de identidade. Além disso, ele exibe uma surpreendente falta de consciência da existência de desigualdades estruturais fomentadas, mantidas e reforçadas pelo estado.

<sup>5</sup> Para exemplos incrivelmente absurdos (mesmo para essa plataforma), verifique o subreddit "fullegoism" no Reddit.

<sup>6</sup> Há muitos autodeclarados anarquistas (especialmente o ex-[?] trotskista Wayne Price) que apoiam totalmente o exército ucraniano e seus paramilitares hiper-nacionalistas (ei, não os chame de neonazistas mesmo quando desfilam com retratos de Bandera...) em sua guerra convencional por procuração da OTAN contra a invasão russa, mas esses "amosexuais" nunca falam sobre resistência ao recrutamento ou deserção, recusa a seguir ordens, fraternização, ou mesmo a estratégia leninista clássica de derrotismo revolucionário.

ao coletivo, mas também não automaticamente subordinado a ele – sem depender do humanismo sentimental e do moralismo que o acompanha. Rejeição explícita da política representativa, que obviamente inclui todos os tipos de democracia. Forte ceticismo em relação à tecnologia e à civilização, de forma mais geral, especialmente ao capitalismo verde. Uma rejeição da lógica do liberalismo, onde alguma alternativa a um problema é necessária para que a crítica do problema seja levada a sério.

Nenhuma dessas ideias era nova para o anarquismo quando o discurso pós-esquerda começou, nem deveria ser irreconhecível para anarquistas familiarizados com a história do anarquismo como uma filosofia (anti-)política distinta; o discurso pós-esquerda foi (e ainda é) considerado necessário para aqueles de nós que permanecem interessados nele precisamente porque há tantos autodenominados anarquistas que acharam o princípio da liderança atraente, que descobriram que algumas hierarquias não são tão ruins assim, que encontraram tipos de autoridade que são legítimos, e que descobriram que votar para representantes em eleições locais e nacionais qualifica-se como redução de danos.